



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

NISIA TRINDADE
(Entrevista)

Ficha Técnica:

Projeto de pesquisa – Fiocruz (Brasil) e INSA (Portugal) no ‘olho do furacão’: possibilidades e limites da comunicação pública na pandemia de COVID-19

Entrevistada: Nisia Trindade (NT)

Entrevistadora: Cristiane D’Ávila (CD)

Data: 04.10.2022

Local: Campus da Fiocruz/Rio de Janeiro

Duração: 30min10seg

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

TRINDADE, Nísia. *Nísia Trindade. Entrevista de história oral concedida ao projeto Fiocruz (Brasil) e INSA (Portugal) no ‘olho do furacão’: possibilidades e limites da comunicação pública na pandemia de COVID-19*, 2022. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 10p.

Projeto de pesquisa: Fiocruz (Brasil) e INSA (Portugal) no ‘olho do furacão’: possibilidades e limites da comunicação pública na pandemia de COVID-19

Entrevistada: Nísia Trindade (NT)

Entrevistadora: Cristiane d'Avila (CD)

Data: 04.10.2022

Local: Campus da Fiocruz – Rio de Janeiro

Cristiane d'Avila (CD) = Nísia, obrigada por me receber. Sei que seu tempo é escasso, então, resumindo. A Fiocruz passou por momentos muito difíceis quando, por exemplo, precisou negar a eficácia do uso da cloroquina, orientar fechamento de escolas, recomendar lockdown, isolamento social, uso de máscaras e elaborar, algumas vezes, comunicados oficiais em favor da Ciência e de seus cientistas. Em termos de estratégias de comunicação, de gestão da comunicação, como foi lidar com esse tipo de desafio, também de fake news e de desinformação? Você já tinha vivenciado outros momentos semelhantes na História da instituição?

Nísia Trindade (NT) – Não. O momento do enfrentamento à pandemia de Covid-19 foi único. Acho que foi único no mundo, mas trouxe os desafios também da resposta em nível político. Há muitos estudos hoje que mostram que até países como infraestrutura, seja de sistema de saúde ou de base tecnológica em saúde bastante robusta, falharam no controle da pandemia. Então essa questão da política, a dimensão política do trato da pandemia, foi fundamental. Como coordenar resposta; como usar as evidências científicas... porque também não é simples, a ciência ela tem controvérsias, mais você estabelece consensos – eu acho que esse é o ponto que, talvez, não apareça de uma forma muito clara para o público, ainda mais com essa rede de *fake news* e de anti-ciência criada. Por isso é muito importante você ter os mecanismos para o estabelecimento desses consensos em cada momento da pandemia – que foi bastante dinâmico – e isso poder orientar a política pública.

É, isso de fato não ocorreu no Brasil. Ocorreu sim, mas não de uma forma coordenada em nível nacional. Ocorreu em várias iniciativas e eu creio que uma das instâncias não formais, mas que foi muito importante, foi o Fórum dos Governadores, que muitas decisões também foram tomadas em nível estadual e o Supremo Tribunal Federal respaldou isso.

Do ponto de vista institucional, o que desde o início nós decidimos – quando eu falo nós, estou falando de decisão de Presidência, mas também do Conselho Deliberativo da Fiocruz – foi mobilizar toda a capacidade da instituição para resposta naquele momento, uma resposta estruturada.

E também, em um segundo nível de importância, que essas ações fossem estruturantes, porque nós que estudamos a complexidade das emergências e reemergências de doenças e estamos lidando de uma forma sistemática... bom, desde o início da vida da instituição, no século passado. Mas nesse período contemporâneo, desde 2015, com a emergência de Zika, nós temos estruturado salas de situação, de respostas, em busca de soluções coordenadas: internas à Fiocruz e também junto à Rede de Vigilância, no Ministério da Saúde.

Eu acho que, além disso, a nossa resposta mobilizou a capacidade de produção que o Brasil mantém, diferentemente de outros países da América Latina que desestruturaram seus laboratórios públicos de produção – e mesmo alguns privados. E nós temos essa potência em Bio-Manguinhos que, junto com o Butantan, foram laboratórios públicos de respostas importantes. Então, creio que tenha sido essa visão integrada da Saúde aqui presente, na Fiocruz. E em termos de lidar com as *fake news*, o que nós buscamos fazer foi uma comunicação ativa do ponto de vista institucional através do Observatório Covid-19, dando liberdade aos pesquisadores para que com embasamento técnico dessem laudos, pareceres, emitissem boletins a partir de determinado momento. A população se formou, em grande parte, da situação da pandemia por esses boletins – a informação confiável estava ali. Então, foi uma estratégia.

E considerar a comunicação um componente estruturante do sistema. Isso também foi apontado em todo mundo: a pandemia ela não foi só diferente pela rapidez da propagação, por essa dinâmica epidemiológica, mas também pela rápida disseminação da informação. A pandemia ela acontece e vai sendo acompanhada pela população em nível global, com informação em tempo real, ou quase. Claro que com algumas dificuldades de dados em alguns países – o próprio Brasil enfrentou isso num determinado momento – mas é isso que a gente vê: a informação como parte da pandemia, não como fator externo a ela. E procuramos lidar dessa forma: com uma comunicação ativa e como uma ênfase muito grande nas respostas que a instituição poderia dar.

CD - Certo.

Você vem afirmando, em vários de seus discursos, sobre construir uma comunicação pública com a sociedade em torno de valores que resgatem a Ciência, a Saúde, a Educação e a Democracia, e sobre a importância de se construir um novo paradigma de comunicação da Ciência. Eu queria que você falasse sobre isso, sobre essa comunicação pública... esse paradigma da comunicação...

NT – É. A comunicação pública foi inclusive em uma das teses do Congresso Interno da Fiocruz. A ideia de ter também a comunicação como um processo não-unidirecional, ou seja, com espaço para interação tanto para escuta com também para dar vozes aos diferentes setores da sociedade – isso é algo que nós temos defendido há muito tempo e foi parte das decisões da 15^a Conferência Nacional

de Saúde. O novo paradigma de comunicação da Ciência foi até título de um dos trabalhos apresentados no Congresso Interno da Fiocruz, da fase de preparação. Nesse texto, nesse documento, com o qual eu concordo bastante, que foi apresentado por um sociólogo da UFRJ, o André Botelho, o que se discute muito é que não se trata de afirmar a Ciência como detentora de verdades absolutas, mas de comunicar o processo mesmo de construção de consensos a partir de pesquisas que seguem métodos científicos que podem ser verificados.

Então, isso coloca de uma maneira muito forte a Ciência não como uma matéria de fé, como se diz muitas vezes, né? Como se fosse quase um dogma: “Eu acredito na Ciência”. Não. “Eu confio”. Eu confio porque há transparência; há todo um estudo que baliza esses achados e há inclusive a possibilidade da revisão – e ainda mais nos dias de hoje, a Ciência não pode ser vista como um ato isolado. Importantes comitês, peritos, especialistas de diferentes áreas... ainda mais com um tema tão complexo como a saúde e a pandemia, cuja característica da transmissão e todo o processo depende de fatores biológicos, mas também de fatores ambientais e sociais em igual medida. Então eu creio que seja um pouco essa visão.

Isso é importante porque o novo paradigma de comunicação científica também implica dizer que não é possível comunicar a ciência de uma forma vertical, atribuindo à sociedade uma ignorância. É importante pensar a ciência como um saber, com determinadas características, e que permite apontar caminhos de solução de problemas – ainda que nem sempre esses sejam caminhos imediatos. Então, esse tipo de visão da forma de relacionar ciência e sociedade que está presente nessa visão, e que eu defendo e... na própria na Casa de Oswaldo Cruz – onde você atua hoje, né? – houve um livro importante, *O Diário da Pandemia*, um artigo da Simone Kropf que eu acho bem interessante, discutindo essa relação do laboratório, da sociedade, da confiança... como é que se estabelece...

Por fim, eu acho que a relação com a Democracia, ela parece distante da Ciência. E é importante esclarecer: não se trata de afirmar que só é possível desenvolver Ciência, ciência de qualidade, em regimes democráticos. Não. A História está cheia de exemplos de experimentos científicos com qualidade técnica em vários países durante os regimes autoritários. O ponto é que a Democracia, na verdade, mostra a capacidade da Ciência, protege o cientista de ingerências políticas e o coloca numa situação de revisão da própria ideia de autonomia da Ciência – essa autonomia tem um limite, né?

Esse debate, por exemplo, foi muito grande no pós-Segunda Guerra Mundial. “A Ciência não está divorciada do conflito das culturas”, dizia o sociólogo Robert Merton. Ela nunca vai estar divorciada do conflito das culturas. Ainda que a gente defenda um valor em si na própria ciência,

ela vai estar imersa na sociedade. E é um jogo permanente, né? Daí eu acho a comunicação ser tão importante para a atividade científica.

CD - E assim, nesse contexto, como você avalia as relações que se estabeleceram entre imprensa, instituições acadêmicas de Ciências e Saúde, governo e sociedade nesse momento de risco e crise provocada pela emergência...

NT – Além da crise sanitária nós vivemos uma situação... eu nem diria de crise, porque a crise dá uma sensação de algo muito momentâneo, né? É difícil até usar, a gente usa muito esse termo “crise”. Mas um grande conflito de valores políticos, de ideias, de propostas de respostas à pandemia. A ideia de uma contradição entre Saúde e Economia – o que, na verdade, não se sustenta, é Economia e Saúde, né? – também nos trouxe muitos ensinamentos para lidar com isso.

No caso da imprensa, eu creio que ela cumpriu um importante papel – mas é claro que nós estamos aí generalizando, porque são veículos muito diferentes. Mas, vamos dizer, a chamada “grande mídia” eu acho que cumpriu um papel importante de comunicação. Mas eu creio que faltou, nessa discussão e no que apareceu na mídia, uma visão mais ampla da Saúde. Por exemplo: poucos epidemiologistas ouvidos sobre o processo; pouco sociólogos também, e cientistas políticos, uma vez que nós estamos falando de um processo de tanto impacto na sociabilidade, na vida econômica, na saúde mental... um impacto enorme para os idosos em todo o mundo... Então eu creio que... eu acho que no afã compreensível de defender medidas necessárias, ficou em segundo plano as dificuldades de viabilizar essas medidas necessárias. Eu acho que isso é um aprendizado para todos nós. Essas dificuldades têm que ser encaradas não como um desvio, mas como uma necessidade real.

Por isso agora que está se discutindo um tratado para pandemias, pela Organização Mundial de Saúde, se colocam todas as questões de defesa da Ciência, de produção local – que foi um outro ensinamento que tivemos, né? Não é possível não ter autonomia nos insumos de saúde – mas também proteção social, numa situação como essa. Então realmente é um conjunto de políticas públicas, de forma coordenada, que precisam ser adotadas. Se não, você perde a adesão da sociedade.

CD – Isso tem também a ver com esse trabalho que a própria Fiocruz fez na Maré, né?

NT – Exato.

CD - Além do “Se Liga no Corona”, um trabalho de vacinação... acho que essa interlocução com a sociedade que foi bem...

NT – É muito importante. Na verdade, eu faria uma correção à sua pergunta: a Fiocruz não fez um trabalho na Maré; a Fiocruz fez um trabalho com a Rede Maré, com a organização local. Foram eles que nos procuraram, inclusive, no primeiro momento, para ver o que eles poderiam fazer com orientação nossa, como instituição parceira em várias iniciativas. Então, eu acho que de fato construímos juntos – é claro, contando com o conhecimento técnico-científico de várias equipes: foi na testagem, foi na vacinação, foi na pesquisa que acompanhou a vacinação e também impactando a organização local, reforçando a organização local.

A Maré, segundo dados que nós temos, ela acabou tendo dados muito positivos, com menor número de mortes do que outras localidades, com estratégias pensadas pelos próprios moradores... de isolamento, por exemplo. Porque há muitos mitos sobre a população de favelas e periferias. Ela é muito variada e a ideia de que você tem um aglomerado de pessoas na mesma casa não é assim que acontece, né? Existem várias estratégias do morar bem em condições que são bastante desfavoráveis, mas há estratégias dos moradores para isso. Então, por isso eu fiz questão de firmar esse “fazer com”.

E além disso, além da Maré, nós trabalhamos muito com um conjunto de favelas e periferias do Rio de Janeiro a partir de um edital conjunto, com apoio da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Então, além da Maré há um trabalho que hoje envolve 50 favelas e locais de periferias, vulneráveis, portanto, com ações diversas, mas todas elas dentro do âmbito da resposta à pandemia. Então acho que esse é um trabalho que fizemos uma primeira avaliação e que levou, por exemplo, um dos temas, que não é o primeiro que pensamos, mas que é fundamental na proteção social, que é a segurança alimentar.

CD – A “Unidos pela Covid”?

NT – É. A “Unidos pela Covid” já é uma campanha junto à sociedade civil que o setor privado, mas também pessoas físicas, contribuíram com recursos para ações que... aí foi de acordo com o andar da pandemia, algumas questões ficam mais em evidência. Primeiro foi a testagem; a assistência hospitalar também foi outro feito importante: a Fiocruz passou a ter, no Instituto de infectologia, um centro adequado para emergências sanitárias não só Covid, mas também para o tratamento de doenças infecciosas aliado à pesquisa clínica. Então, na verdade, o conjunto, como eu tinha falado antes, Cristiane, das ações da Fiocruz, foi mobilizado. Tentamos fazer isso de uma forma coordenada.

CD – Então, quais lições você pode tirar dessa pandemia? Para a gente resumir, considerando que não vai ser a última? Se existe uma lição-Covid – você falou de algumas, mas...

NT – Olha, assim, eu falo assim: quando você fala “lição”, você aprende alguma coisa, né? Do ponto de vista da instituição tivemos, de fato, todo um aprendizado. Mas como diz um outro sociólogo, Klaus Eder: “As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar.” (risos) Então eu tenho muito cuidado, muita crítica a essa ideia de lição, porque não quer dizer que numa próxima pandemia responderemos melhor. Mas, de fato, países que tiveram uma vivência e uma experiência organizada com pandemias – ou com epidemias com potencial pandêmico, como é o caso da Ásia – responderam, em grande parte, melhor à Covid-19.

Que lições a gente pode tirar? Uma lição é a importância do trabalho das instituições: as instituições fazem diferença. Não adianta pensar coisas pontuais, individuais, isoladas... E aí eu falo não só da Fiocruz, mas também das Universidades que se mobilizaram a partir do que já havia sido feito – porque nada pode começar do zero. A resposta deve ser imediata, mas você tem que ter uma base anterior. Acho que esse é um ponto.

Então, a importância das instituições; a importância de ações coordenadas; a importância da comunicação com a sociedade – mas uma comunicação não vertical, uma comunicação que realmente leve em conta os contextos em que essa informação vai ser utilizada. E a necessidade, também, de separar um pouco as situações de rotina das situações de extremo estresse e tensão e de necessidade e resposta imediata. Então, melhorar essa capacidade de resposta imediata, né? A partir da base existente – é a mesma da criação de alternativas no momento em que ocorre uma pandemia. Então, isso eu creio que seja central: a capacidade de coordenação, de resposta, que tem a ver com o que eu falei antes, mas como eu já havia falado, vários estudos mostram que você pode ter uma base excelente, mas se naquele momento de crise você não der a resposta em tempo, de forma coordenada, você vai fracassar.

CD – Uma última pergunta: eu vejo o “Se Liga no Corona” como uma estratégia de comunicação pública, por cauda dessa interlocução. O que exatamente é comunicação pública para a Fiocruz?

NT – Eu creio que é um processo em que nós avançamos – e o “Se Liga no Corona” é uma estratégia importante – mas precisaria de uma escala muito maior para chegar a esse objetivo. De fato, eu acho que há uma avaliação positiva do esforço de comunicação, até porque você passou a ter a Fiocruz entrando em todas as casas do Brasil via noticiário, com os boletins semanais... então, essa regularidade foi importante. Mas para caminhar, eu diria que é mais um processo do que um conceito estático, para uma comunicação que envolva coparticipação, que envolva engajamento social... para chegar a isso, de fato, a gente precisa de ter uma estratégia que envolva a comunidade.

Agora, eu acho que é um trabalho em rede também, nem tudo vai ser feito pela Fiocruz. E hoje existem várias redes de jovens, vários coletivos, os mais diversos em várias áreas, buscando também esse tipo de relação e, por conseguinte, de comunicação também.

CD – Só mais coisa: você tem falado também que a Fiocruz está alinhada ao conceito de Saúde Única. Isso tem a ver com essa relação com pandemia, sindemia... Eu vi que você, em Portugal, também tratou dessa questão. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso, que eu acho muito interessante.

NT – Alguns usam o conceito de Saúde Única pensando em não separar o que é a saúde humana da questão ambiental, da saúde silvestre, né? Também é um conceito que passou por reformulações. Na verdade, eu acho que o principal ponto é entender as questões socioambientais que envolvem... e ecológicas numa perspectiva mais integrada e holística, à questão da saúde. Não é possível isolar. Seja nos determinantes dos fatores que propiciam o desencadeamento de doenças, a circulação de patógenos... seja no próprio impacto que isso vai gerar. Essa é uma dimensão.

A outra é pensar também na saúde planetária. Pensar nos efeitos a longo prazo de alguns processos e seus impactos na saúde, como é o caso de mudanças climáticas e outras mudanças ambientais, reflorestamento, enfim. Então, acho que no cerne da discussão das pandemias hoje está a circulação de pessoas intensa, de mercadoria, mas também modelos de desenvolvimento. Saúde Única deve envolver todas essas dimensões. Mas muitas vezes, frequentemente, se refere mais a essa visão integrada que envolve animais – animais não-humanos, humanos – saúde silvestre, como se definia antigamente, né? Uma visão mais integrada de todos esses aspectos. Mas eu gostaria de colocar também nesse patamar da saúde planetária, pensando inclusive o futuro.

CD – Você acha que... só para finalizar, que a Fiocruz estava preparada, digamos assim, para este desafio, em termos de infraestrutura humana e de recursos?

NT – Sim e não, né? Eu acho que a Fiocruz teve essa capacidade de engajamento e coordenação, mas muita coisa foi nova. Eu diria que nós fomos nos preparando, houve a decisão política de fazer. Agora é claro que nós... passada a parte mais dura da pandemia, temos conhecimentos que serão úteis – se também as decisões corretas forem tomadas caso venha ocorrer, esperamos que não, uma pandemia desse porte. Mas certamente novas emergências já estão ocorrendo, como é o caso da Monkeypox agora. O grande desafio da vacinação, não só produzir a vacina, mas contribuir para que a população confie na vacina e vá se vacinar. Então, eu acho que são desafios muito complexos.

O que... nós tínhamos sim, é uma base que ainda que pudesse ter avançado mais, com mais investimentos em Ciência e Tecnologia no país, mas uma base muito importante que nos permitiu,

por exemplo, a partir de um histórico de projetos de parcerias e desenvolvimento produtivo na área de biofármacos migrar não só infraestrutura física, mas também conhecimento, capacidade, *know how*, tecnologia, recursos humanos para produzir, incorporar em tempo recorde, a tecnologia da vacina da AstraZeneca. Então, eu acho que na pandemia nenhuma inovação do zero foi bem-sucedida. As inovações vinham de uma base de investimentos em pesquisas, no Sistema Único de Saúde... espero que estejamos melhor preparados para uma próxima. Esperamos não ter uma próxima com essa gravidade, com essa proporção, mas sabemos que vamos ter que lidar com várias emergências.

CD – Outros desafios, né? A vacinação, como você falou, caindo muito os índices de vacinação de doenças que já estão erradicadas, né?

NT – A pólio... tem uma campanha, nós estamos difundindo bastante, mas é um desafio.

CD – Está bom, Nísia. Muito obrigada.

NT – Está bom, querida. Bom trabalho para você, boa conclusão da sua tese.